

**RESISTÊNCIA À COLONIALIDADE NA POESIA AFRICANA DE JORGE  
BARBOSA E VIRIATO DA CRUZ**

**RESISTENCE TO COLONIALITY IN JORGE BARBOSA AND VIRIATO DA CRUZ  
AFRICAN POETRY**

**Silvio Ruiz Paradiso<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A partir da década de 60, houve na África uma onda maciça de processos de independência. Entretanto, tais processos não significavam, efetivamente, processos de descolonização. De acordo com Fanon (1961), a descolonização também se baseia, não só no contexto territorial e político, mas principalmente, mental e ideológico. Enquanto algumas ex-colônias resistem à hegemonia colonial ainda perceptível na cultura local, outras são coniventes com o processo colonizador e/ou com a herança colonial. Desta forma, analisar-se-á na poesia africana lusófona a subserviência e a colonialidade nas letras de “Prelúdio” (1956), do cabo-verdiano Jorge Barbosa, e a resistência à colonização, com o angolano Viriato da Cruz, com o poema “MaKézú” (1961). O processo de colonização não é somente do território geográfico, que almeja a tão sonhada libertação. O mesmo deve acontecer com a mentalidade e imaginário dos que vivem na colônia, subjugados por ideologias e valores dos antigos colonizadores.

**Palavras-chave:** pós-colonialismo; literatura africana lusófona; resistência; subserviência; territórios e fronteiras.

**ABSTRACT :** From the 60's , there was in Africa a massive wave of independence processes. However , these processes, not meant decolonization processes . According to Fanon (1961 ) , decolonization is also based not only on territorial and political context , but mainly mental and ideological . While some former colonies resist to colonial hegemony still noticeable in the local culture , others are colluding with the colonizing process and / or with the colonial heritage . In this way , it will be considered in the African Lusophone poetry the subservience and coloniality in the poem "Prelude" (1956 ) , by the Cape Verdean ,Jorge Barbosa , and the resistance to colonization , with the Angolan Viriato da Cruz and his poem " MaKézú " (1961) . The colonization process is not only in the geographical territory, which aims the long awaited release. The same should apply to the mind and imaginary of those who live in the colony, overwhelmed by ideologies and values of the former colonizers .

---

<sup>1</sup>Doutor em Letras com ênfase em Estudos Literários (Diálogos Culturais), pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), membro da AFROLIC - Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos. Professor de Literaturas estrangeiras e Teoria da Literatura da Universidade Cesumar (UNICESUMAR). E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

**Keywords:** post- colonialism; Lusophone African Literature ; Resistance; Subservience ; Borders and Territories.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A “independência” da África pode ser definida como um processo histórico, gradual e de fundo essencialmente político, de independência das colônias europeias, desencadeado por movimentos de libertação nacional e só “concluído” no final da década de 70.

Em 1973, a independência das colônias portuguesas em África iniciou-se com a declaração unilateral da República da Guiné Bissau, que foi reconhecida pela comunidade internacional, mas não pela potência colonizadora, ou seja, Portugal. As restantes colônias portuguesas ascenderam à independência em 1975, logo depois da Revolução dos Cravos.

Paralelamente, no mesmo período, os Estudos Culturais iniciavam pesquisas acerca das sevícias do imperialismo e da colonização nessas terras, promulgando os Estudos Pós-Coloniais e disseminando a crítica literária anticolonial, destacando nomes como Stuart Hall, e agregando estudos dos já militantes anti-imperialistas como Edward Said: *Orientalismo* (1979), Aimé Césaire, com *Discourse on Colonialism* (1950), Frantz Fanon: *Black Skin, White Masks* (1952) e *The Wretched of the Earth* (1961) e Albert Memmi: *The Colonizer and the Colonized* (1965).

Enquanto a África iniciava o processo de descolonização, os estudos pós-coloniais abordavam os vários discursos coloniais espalhados pelo planeta, analisando, entendendo, criticando ou questionando os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários deixados pelo colonialismo nas nações invadidas.

Para tanto, leituras com as de Frantz Fanon em *Black Skin, White Masks* (1952) e *The Wretched of the Earth* (1961) abordavam conceitos que diante da emancipação de algumas colônias em África tornavam de suma importância, como o conceito de “descolonização”. O termo “pós-colonialismo”, ressignificado pela teoria pós-colonial contemporânea, significaria algo como “crítica ao colonialismo”, ou seja, não se valendo apenas da semântica do termo pós como “depois de” no sentido de esvaziamento geográfico, abandono das terras pelo colonizador, mas um contínuo processo que culmina na descolonização da mente, também

“invadida” pelas heranças coloniais, não importando tanto se o período focado é pré ou posterior às independências nacionais.

Deste modo, a descolonização não acontece apenas no momento que a nação colonizada conquista sua independência política frente à Metrópole, mas somente quando há uma independência mental ou o fim da "[...] psychological dependency" (BRYDON; TIFFIN, 2001, p. 215).

Além desse perduro anticolonização durante os anos seguintes do processo de emancipação das ex-colônias lusólicas em África, também temos que observar que os processos de independência foram diferentes em cada colônia. Santilli em *Estórias Africanas: história e antologia* (1985, p. 23) admite que a estética das literaturas das ex-colônias portuguesas diferem entre si, devido a questões culturais e históricas. Em Cabo Verde, por exemplo, devido a sua formação geográfica (um arquipélago), houve grande miscigenação, e a diferenciação cultural e étnico-racial ficara comprometida:

Já não é, portanto, o homem europeu ou o homem africano que representa essa sociedade, mas o homem crioulo, em cuja maneira de ser as culturas convergentes teceram mais cedo a unidade cultural cabo-verdiana. Estariam aí as razões pelas quais as questões de raça não se colocam ou não assumem o relevo que têm na literatura angolana (SANTILLI, 1985, p.23).

Percebe-se no excerto, que o fato é inversamente proporcional na literatura angolana, cujo movimento de descolonização radical e violento criou uma estética literária mais agressiva e crítica. Todavia, independente do processo de colonização e, conseqüentemente, de descolonização, abordar as literaturas africanas é antes de tudo reconhecer as inúmeras vozes nesses textos, das suas origens e da tentativa de transcender o plano “nacional” até se inscrever num plano transnacional, como se refere Ribeiro (2009, p.03) - uma “narração de nação”. A partir disso, cabe ao leitor levar em conta os processos de *negociação* entre o colonizador/colonizado, uma vez que a colonização e o seu fim trouxeram fases e mentalidades diversas, variando desde o “acriticismo” e a nostalgia mais evidente em Cabo-Verde e a subversão e o revide, como no caso de Angola.

Assim, nossa análise versará sobre dois exemplos da poesia africana de língua portuguesa; de Angola, com Viriato da Cruz e seu poema “Makézú” (1961), que expõe a cultura angolana, reforçando os valores nacionais e criticando os valores colonialistas e um

poema de Cabo Verde, de Jorge Barbosa, chamado “Prelúdio” (1956), que sutilmente revela uma nostalgia e subserviência ao efeito colonial. Desta forma, revelar-se-á que nas literaturas pós-coloniais desses territórios africanos, percebemos não só as marcas do colonialismo, mas também da colonialidade.

## O MAKÈZÚ DE VIRIATO DA CRUZ E O PRELÚDIO DE JORGE BARBOSA

Viriato Francisco Clemente da Cruz (Kikuvo (Porto Amboim), 1928 - Pequim (China), 13 de junho de 1973), foi considerado um dos mais importantes impulsionadores de uma poesia regionalista angolana, nas décadas de 40 e 50, e um dos líderes da luta pela libertação de Angola.

Além da vida literária, Viriato assume posições políticas engajadas como muitos autores angolanos. Fez os estudos em Luanda, no Liceu Salvador Correia, já se envolvendo com teorias marxistas. Abandonou Angola por volta de 1957 para se dirigir a Paris onde se encontrou com Mário Pinto de Andrade, desenvolvendo uma intensa atividade política e cultural. Foi então, que na década de 60, tornou-se Secretário-Geral do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, partido esse que ajudou a fundar, juntamente com Mário Pinto de Andrade. Mais tarde dissabores com Agostinho Neto obrigaram-no a abandonar o partido, já que Neto defendia um comunismo soviético e Viriato, um comunismo maoísta. Deste modo, Viriato da Cruz vai a Pequim, em junho de 1966, a fim de estudar e disseminar o comunismo maoísta.

Após uma série de conflitos ideológicos contra as autoridades chinesas, os últimos anos de Viriato foram em um campo de trabalho na região sul da cidade de Pequim e lá falecera em 13 de junho de 1973, deixando como principal obra - *Poemas* (1961), destacando-se “Namoro”, “Sô Santo” e ‘Makézu”.

## JORGE BARBOSA

O escritor Jorge Vera Cruz Barbosa nasceu em 1902, na Praia (Ilha de Santiago, Cabo Verde), e faleceu em 1971, na Cova da Piedade. Figura das mais prestigiadas da moderna poesia cabo-verdiana, o autor é, historicamente, o anunciador, com a publicação do livro *Arquipélago* (S. Vicente, 1935), da viragem para os "problemas da terra" assumida pelo

movimento literário *Claridade*, cujo surgimento, no ano seguinte, acompanhou. De fato, a busca e a caracterização da identidade do povo do seu arquipélago natal são elementos constantes na escrita de Jorge Barbosa.

A sua obra é das mais representativas da poesia africana de expressão portuguesa, destacando-se, para além de *Arquipélago*, as coletâneas *Ambiente* (1941) e *Caderno de um Ilhéu*, que em 1956 recebeu o Prêmio Camilo Pessanha da Agência-Geral do Ultramar.

Jorge Barbosa esteve por duas vezes em Lisboa, colaborando nas revistas *Presença*, *Mundo Português*, *Descobrimento*, *Momento*, *Aventuras*, *Cadernos de Poesia*, *Atlântico* e *Boletim de Cabo Verde*. Colaborou também em jornais metropolitanos como o *Diário de Notícias*, em cuja página literária publicou poemas. Foi igualmente contista, figurando na Antologia de Ficção Cabo-Verdiana.

## RESITÊNCIA E IDENTIDADE - O MAKÈZÚ, DE VIRIATO DA CRUZ

No caso de se considerar algum efeito “positivo” da experiência colonial, este só seria validado após o processo de independência, quando os povos de África “se descobriram diferentes e tomaram consciência de tudo o que os diferenciava dos europeus: diferença nas condições materiais de vida, diferença de cultura, enfim, diferença nas experiências históricas” (CANEDO, s/d, p.7). A heterogeneidade africana abre espaço para uma consciência continental em detrimento à consciência hegemônica do colonizador. Esta diferenciação é abordada no texto pós-colonial como argumento crítico ao fenômeno colonial.

Na literatura escrita pelo (ex)colonizado, a diferenciação toma outro rumo da diferenciação posta pelo colonizador, que usa a alteridade para outremizar e objetificar<sup>2</sup> a cultura e a vida do “outro” nativo. Expor a diferença sob o ponto de vista do escritor africano é resistir e revidar o discurso hegemônico, migrando-o da margem ao centro do discurso literário. Observamos isso no poema “Makèzú”, no qual Viriato da Cruz expõe a cultura banto frente ao processo colonizador português:

---

<sup>2</sup> Sobre o processo de objetificação e outremização no texto pós-colonial ver PARADISO, Silvio Ruiz ; BONNICI, T. . Objetificação e outremização em *Is there nowhere else where we can meet?*, de Nadine Gordimer. *Acta Scientiarum. Language and Culture* (Impresso), v. 35, p. 17-24, 2012.

## MAKEZÚ

- "Kuakié!!!... Makèzú, Makèzú..."

.....  
O pregão da avó Ximinha  
É mesmo como os seus panos,  
Já não tem a cor berrante  
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha,  
Mas de manhã, manhãzinha,  
Pede licença ao reumático  
E num passo nada prático  
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro  
Que se levanta altaneiro  
No cruzeiro dos caminhos  
Das gentes que vão pr'a Baixa.

Nem criados, nem pedreiros  
Nem alegres lavadeiras  
Dessa nova geração  
Das "venidas de alcatrão"  
Ouvem o fraco pregão  
Da velhinha quitandeira.

- "Kuakiè... Makèzú... Makèzú..."  
- "Antão, véia, hoje nada?"  
- "Nada, mano Filisberto..."  
Hoje os tempo tá mudado..."

- "Mas tá passá gente perto...  
Como é aqui tás fazendo isso?"

- "Não sabe?! Todo esse povo  
Pegó um costume novo  
Qui diz qué civrização:  
Come só pão com chouriço  
Ou toma café com pão..."

E diz ainda pru cima  
(Hum... mbundo kène muxima...)  
Qui o nosso bom makèzú

É pra veios como tu".

- "Eles não sabe o que diz...  
Pru qué qui vivi filiz  
E tem cem ano eu e tu?"

- "É praquê nossas raiz  
Tem força do makèzú!..."

(Viriato da Cruz, *Poemas*, 1961).

*Makezu* é a palavra dada para o plural de *Dikezu* (CHATELAIN, 2001, p.31 e p.33), termo kimbundo para a noz-de-cola. O kimbundo ou quimbundo é uma língua africana e uma das línguas banto mais faladas em Angola, tanto que é uma das línguas nacionais angolanas, falada no noroeste, incluindo a província de Luanda.

O título do poema de Viriato da Cruz remete uma forte afirmação da identidade angolana, quando se prefere o termo em um dialeto local, ao invés da língua canônica, ou seja, a portuguesa. A escolha do termo *Makèzú* reforça a idéia de que “a linguagem cria e unifica uma consciência nacional, em que as fronteiras culturais correspondem muitas vezes mais poderosas e fundamentadas do que as fronteiras políticas e geográficas” (PARADISO, 2009, p.34).

Além disso, *makèzú*, as nozes de cola, são elementos religiosos importantíssimos na cultura africana, tanto na banto como na *yorùbá*, na qual é conhecida como *obi*. No site *Mbanza Congo*, o pesquisador e professor de Literatura Africana de Língua Portuguesa, Sérgio Paulo Adolfo, observa a importância da noz-de-cola na vida religiosa e social dos bantos (ADOLFO, 2009). *Makèzu*, *obís* ou simplesmente as nozes de cola são usadas não somente como elos sociais, mas também como elo religioso por toda África: “traditionally, kola nuts are not only exchange as a sign of friendship, but are also used as divining tools and offering to ancestral and other spirits” (ASANTE; MAZAMA, 2009).

Consoante com Ribeiro (2009), as populações afastada dos grandes centros, em Angola, costumam comer *makèzú* e gengibre logo pelo amanhecer. O costume advém do fato que, a ingestão dessa semente junto com o gengibre daria sustento até a hora de uma refeição

mais substancial, que costuma ser a meio da manhã. “A cola e o gengibre são o verdadeiro mata-bicho<sup>3</sup> das gentes do mato”, revela.

Deste modo, o título desse poema de Viriato da Cruz refere-se à celebração da noz-de-cola, a tradicional “refeição” juntamente com gengibre, que, no entanto, foi trocada pelo pequeno-almoço “embutido” europeu, por parte dos habitantes de Angola.

A primeira linha do poema - "Kuakié!!!... Makèzú, Makèzú...", remete a um caráter comum nos textos pós-coloniais (pós-independência) – a utilização de lacunas semânticas, fruto da inserção de termos da língua dialetal ou autóctone. Essa ab-rogação é uma tentativa de ao mesmo tempo romper com os padrões da língua colonizadora, no caso a portuguesa e evidenciar aspectos culturais do povo angolano. O termo ab-rogação (*abrogation*), do latim *abrogatio*, no sentido lexicográfico significa “anular; revogar; cassar” (LUFT, 2001, p.32). Isto é, o autor pós-colonial ab-rogou a língua padrão do império, continuando a utilizá-la visando, no entanto, uma nova roupagem, mesclando padrões dialéticos e coloquiais. Essa inserção do kimbundo no texto português abre uma lacuna metonímica, ou seja, a inserção de frases, palavras, termos ou mudanças de códigos da língua natural ou nativa que são inseridas em um texto escrito na língua colonizadora. “Tais termos e palavras representam, de certo modo, a cultura colonizada estabelecendo uma lacuna entre a língua do colonizador e a língua dos indivíduos colonizados” (PARADISO, 2009, p.39).

As línguas nativas são tão fortes perante a sociedade que dela se utiliza, que reminiscências de termos, palavras e códigos fixam na linguagem padronizada pelo colonizador. Essa mistura provoca aberturas ou lacunas que fazem com que essa ‘nova construção’ seja subversiva, pois a Europa não admite que não consiga entender tal discurso, não assumindo uma suposta falha intelectual. A lacuna metonímica é uma prova que o imperialismo é falho, sofrendo rejeição e subversão pelos idiomas ‘subalternos’, ‘inferiores’ e ‘periféricos’, como os próprios definem (PARADISO, 2009, p.39).

O termo *Kuakié*, amanheceu em kimbundo, refere-se ao horário do dia que a refeição feita com o *Makèzú* é feita. A partir disso, surge então uma personagem no poema a “avó Ximinha”, uma clara referência às matriarcas angolanas que perpetuam as tradições pré-colonização.

---

<sup>3</sup> Mata- bicho é um termo regionalista, próprio de **Angola**, mas também falado em Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Significa desjejum; café da manhã.

As duas primeiras estrofes revelam que vó Ximinha, envolta em seus panos (desgastados devido o tempo), já de manhã, levanta-se ainda que lentamente devido ao reumatismo, e segue rumo à “estradinha na areia”. Ali, passa por um cajueiro plantado no “cruzeiro dos caminhos”, referindo-se ao mito angolano da criação do mundo ter sido em um encruzilhada. Tal “cruzeiro dos caminhos” é das “das gentes que vão pr'a Baixa”, uma referência à antiga província portuguesa do século séc. XIX, ou uma referência à fazenda Beira-Baixa no Norte de Angola.

A personagem, uma imagem metonímica da ancestralidade e tradição de Angola, passa no cruzamento de pessoas, antigos e novos angolanos, que entram em uma crise cultural e identitária. O autor, Viriato da Cruz, revela isso quando afirma que “*Nem criados, nem pedreiros/Nem alegres lavadeiras /Dessa nova geração [...] /Ouvem o fraco pregão/Da velhinha quitandeira*”.

A “nova geração” animada pelas novas ideologias colonialista interfere na tradição local, até mesmo na vida mercantil dos habitantes. Ximinha é quitandeira, vendedora de noz de cola, seu discurso é a voz da tradição angola, ignorado pela população. Outros personagens interferem no discurso, revelando que a colonização trouxe “novos tempos” e conseqüentemente “novos hábitos”: “*Antão, véia, hoje nada?*”/“*Nada, mano Filisberto... /Hoje os tempo tá mudado...*”. Em seguida a crítica anti-colonialidade é exposta através da fala da velha senhora: “*Não sabe?! Todo esse povo /Pegó um costume novo/Qui diz qué civrização:/Come só pão com chouriço/Ou toma café com pão*”.

A civilização é colocada aqui com tom irônico, através do discurso colonizador de civilidade, conceito trazido pelos colonizadores em detrimento a selvageria dos nativos africanos. Desta forma, os civilizados devem comer café com pão ou pão com chouriço, enquanto os selvagens continuariam com a prática gastronômica do *makèzú*. A imposição cultural foi uma característica recorrente no processo de colonização, justificada pela necessidade de civilizar os selvagens, de culturalizar os bárbaros, incultos, sem alma e sem sentimentos, de levar a verdadeira fé e os bons hábitos àquelas pessoas despidas e mal educadas, e, de dominar as riquezas deste território, tudo em nome de um espírito dominador e de superioridade. O colonizador acreditava que povo sem alma era povo sem cultura e vice-versa, daí a necessidade de dar uma alma (catequizando) e cultura (civilizando). O ápice dessa crítica revela-se na língua kimbundo: “*Hum... mbundo kène muxima*”, um belo

exemplo de hiato linguístico e cultural. A frase que significa *negro não tem coração*, é a justificativa colonial da necessidade de escravizar o africano a fim de que se possa civilizá-lo.

O revide do poema de Viriato da Cruz revela um sentimento de revalorização da cultura ancestral – “*nossas raiz/Tem força do makèzú!...*”, diz vó Ximinha.

Assim, a valorização da língua kimbundo baseada no conceito de ab-rogação, a retomada de hábitos tradicionais e próprios da cultura angola, como a alimentação e o uso do *makèzú*, faz do poema homônimo de Viriato da Cruz um exemplo de texto de resistência e revide, no qual a diferenciação das culturas e ideologias marca o local do discurso do autor.

Entretanto, nem sempre é assim. Aconselha-nos Frantz Fanon à "perder o hábito de minimizar a ação dos nossos pais ou de fingir incompreensão diante do seu silêncio ou da sua passividade" (2002, p. 239), ou seja, a necessidade de destituir a colonização de gosto, hábitos e veneração cultural da mente, fato este que pode ser observado nessa própria produção intelectual, como é o caso da literatura.

Se em Viriato da Cruz, o “Makèzú” tornar-se-ia o símbolo cultural da resistência ao processo colonizador, em “Prelúdio”, como o próprio título assinala, marca um saudosismo ao tempo da colônia e ao mesmo tempo o reforço de estereótipos e mitos a favor do português.

## SAUDOSISMO E SUBSERVIÊNCIA- O PRELÚDIO DE JORGE BARBOSA

Nos inícios do século XX vários países Europeus dirigiam o destino de África. Dividida e explorada entre os senhores colonialistas, sob o pretexto de "missão civilizadora" e "religiosa", estes exerciam a sua máxima influência política e cultural. Portugal não era exceção, e em S.Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné, Angola e Moçambique, exerciam a sua presença (assim como em algumas possessões na Ásia).

Todavia, como dito anteriormente, a colonização de Cabo Verde teve aspectos diferenciados das demais colônias e, por conseguinte, aspectos diferentes no encontro colonial. “Apesar da dominação cultural que durou cinco séculos, o cabo verdiano cedo começou a resistir, reivindicando a sua identidade” (GOMES, 2010 p.01), todavia, não foi de forma homogênea e geral, pois o processo de miscigenação minou em muito a resistência e a colonialidade remanescente. No arquipélago, a questão da identidade é latente, e advém desde o colapso do sistema colonial português. Órfão do pai metropolitano, Portugal, e sem laços

diretos com a mãe-pátria, África, Cabo Verde optou por desenvolver, de forma autônoma, uma cultura local, mas de forte influência dos que ali controlavam.

O processo de colonização não é somente do território geográfico, que almeja a tão sonhada libertação. O mesmo deve acontecer com a mentalidade e imaginário dos que vivem na colônia, subjugados por ideologias e valores dos antigos senhores. Acerca do processo de descolonização, Diana Brydon e Helen Tiffin (2001) repetem Fanon: "Our mind, as well as our economies, must be decolonised" (FANON, *apud* BRYDON e TIFFIN, 2001, p. 11).

O conceito aqui observado é o de colonialidade, segundo o qual, de forma externa como a educação e cultura, por exemplo, pode embutir uma aproximação nefasta mais do que fornecer elemento de libertação, acorrentando os povos mais e mais à sua condição de pós-colonizado, ou seja, a colonialidade é a mentalidade colonizada, que não enxerga os males da colonização e tão pouco revida ou resiste. A respeito disso, Neves observa que :

nosso pensamento [dos ex-colonizados] é hoje resultado de um longo processo de colonização que resultou em um profundo sentimento de inferioridade, responsável pela colonialidade do nosso pensamento que por não mais pensar hoje como pensou em tempos ancestrais (NEVES, 2009, p.2).

A partir disso podemos concluir que a colonialidade impede o discurso ancestral, observado pelo poema de Viriato da Cruz, "Makèzú", impondo não um revide à época de colonização, mas sim uma subserviência e um saudosismo. Em relação a Cabo Verde, um fato agrava a situação: não há um povo ancestral no arquipélago, já que as dez ilhas foram povoadas concomitantemente com a colonização: "[...] Foram a uma e lançaram gente fora para verem se havia povoação e não acharam. Foram à segunda, não acharam rasto de gente [...]. As outras caravelas viram as outras ilhas, porém nenhuma delas povoada, *senão grande multidão de aves* [...]." (FERNANDES, 1878). Tal sentimento pode ser observado no poema "Prelúdio", de Jorge Barbosa, apresentado em *Caderno de um ilhéu* de 1956.

## PRELÚDIO

Quando o descobridor chegou à primeira ilha  
nem homens nus  
nem mulheres nuas  
espreitando  
inocentes e medrosos

detrás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas do ar  
nem gritos de alarme e de guerra  
ecoando pelos montes.

Havia somente  
as aves de rapina  
de garras afiadas  
as aves marítimas  
de vôo largo  
as aves canoras  
assobiando inéditas melodias.

E a vegetação  
cujas sementes vieram presas  
nas asas dos pássaros  
ao serem arrastados para cá  
pelas fúrias dos temporais.

Quando o descobridor chegou  
e saltou da proa do escaler varado na praia  
enterrando  
o pé direito na areia molhada

e se persignou  
receoso ainda e surpreso  
pensa n'El-Rei  
nessa hora então  
nessa hora inicial  
começou a cumprir-se  
este destino ainda de todos nós.

(Jorge Barbosa, *Caderno de um ilhéu* de 1956).

O título do poema, prelúdio, no sentido lexicográfico é [1.ato ou exercício prévio] (FERREIRA, 2008, p.650), evoca a gênese do descobrimento das ilhas de Cabo Verde. Tal construção da imagem desse “prelúdio” contem fortes elementos estereotipados e míticos acerca da colonização.

O colonizador é tratado como descobridor. Apesar das ilhas de Cabo Verde ter sido “descobertas”, já que não havia presença humana ante a chegada portuguesa, o termo

descobridor é oriundo da mentalidade eurocêntrica, que vê os colonizadores europeus como descobridores de *terra nullius*, ou seja, de locais sem donos, desocupadas, a mercê de ocupação. O conceito colonialista da "*terra nullius*" sempre foi a garantia europeia de legitimação de invasões pro todo o mundo.

Todavia, o termo “descobridor” numa perspectiva pós-colonial, mesmo em se tratando de uma exceção colonial, como Cabo Verde, ainda dá ao português certa legitimidade de cruzar os oceanos em busca de ocupação territorial e uma legitimação invasora e escravagista.

Cabo Verde recebeu os portugueses em 1460 com a expedição de Diogo Gomes e Antonio Noli, o primeiro, português, e o segundo, um navegador genovês ao serviço do Reino de Portugal. De acordo com o cânone historiográfico, as ilhas eram desabitadas de população autóctone quando descobertas pelos portugueses.

O poema de Jorge Barbosa reforça a tese da ausência de pessoas quando a chegada dos colonizadores, entretanto, reforça imagens estereotipadas, do que “poderia” ser encontrado pelo europeu: “*nem homens nus/nem mulheres nuas / espreitando/ inocentes e medrosos/ detrás da vegetação*”. Ou seja, a inocência e o medo como características de nativos frente à chegada dos invasores. A estrofe: “*Nem setas venenosas vindas do ar/nem gritos de alarme e de guerra/ ecoando pelos montes*” já revela um nativo “selvagem” e belicoso.

Tais imagens, duas referências dadas por Jorge Barbosa na caracterização dos possíveis nativos (não encontrados pelos portugueses), são frutos de uma mentalidade colonial, pois expõe literalmente os construtos imagéticos fornecidos pelas cartas jesuíticas e de escrivães europeus: nativos medrosos, passivos e inocentes ou belicosos, selvagens e silvícolas, diferente, do poema “Makèzú”, que expõe uma população constituída de subjetividade. Parece-nos que a citação da ausência desses personagens nas ilhas, reforça um distanciamento da identidade cabo-verdiana em relação aos demais povos africanos – nossos ancestrais não estavam aqui. Nossos ancestrais são os que aqui pisaram com “o pé direito na areia molhada”, cumprindo “este destino ainda de todos nós” – esta é a ideia. O uso do pronome “nós” remete a uma identidade coletiva, tendo no invasor a gênese do “ser nacional”.

A terceira e quarta estrofe apresentam a fauna e flora cabo-verdiana. O arquipélago aqui é representado como um paraíso edênico, outro mito fruto da colonialidade. Iza Chain em, *O Diabo nos Porões das Caravelas* (2003) revela que a expansão ultramarítima europeia

muito se deu à busca de “Paraísos fantásticos” (CHAIN , 2003, p.56), da mesma forma que observa Giucci, em *Viajantes do Maravilhoso* (GIUCCI, 1992, p.13).

As duas últimas estrofes revelam um colonizador surpreso e receoso que ao pisar na nova terra, pensa no “El-Rei”, isto é, nas motivações políticas que o fizeram navegar pelos mares a fim de agregar a Portugal terras e pessoas. O poema termina com a assertiva, que dá o valor ao título: “nessa hora inicial/começou a cumprir-se/este destino ainda de todos nós.” Essa volta ao passado marca a insistência em colocar o português como matriz da construção da identidade de Cabo Verde, ignorando o fato que junto dele, nos porões da caravela chegaram outros “descobridores” – negros da Guiné, por exemplo. O colonialismo, como afirma Fanon (2005, p. 244), “se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila”.

Tal destino citado na ultima estrofe é a miscigenação e a contribuição lusitana ao povoamento do arquipélago, já que diferente de outras colônias portuguesas, parece

ter havido em Cabo Verde um certo desvio naquilo que o português realizou nas áfrias. Melhor dizendo: um certo desvio na posição ou situação do homem português perante a direcção dos fenômenos que foram surgindo nas suas vicissitudes de contacto com os povos afro-negros [...] (MARIANO, 1991, p.53).

Ou seja, acredita-se que a mentalidade colonialista de muitos cabo verdianos se dá pela mestiçagem e hibridismo cultural entre os brancos europeus, principalmente os portugueses e o negros africanos. Daí, como resultado a subserviência ao processo colonial, já que “ter-se-ia transferido para o mulato [cabo-verdiano] a condição de mestre, de líder na estruturação da sociedade cabo-verdiana [...]” (MARIANO, 1991, p.53), revelando na sua literatura textos “mornos” e com ausência de crítica e resistência ao colonialismo, mas ao contrário, saudosismo e mistificações de imagens construídas a partir da colonialidade.

Enquanto as diferenças são marcadas de forma negativa nas literaturas de Viriato da Cruz, criticando o hibridismo e a transculturação trazida pela colonização, o contrário acontece em Jorge Barbosa, como por exemplo, no poema “*Povo*”, em que há uma busca pela harmonização entre as duas culturas: “Conflito numa alma só/de duas almas contrárias/buscando-se, amalgamando-se/numa secular fusão”. Tal tentativa de harmonia apenas mascara a diferenciação do *Outro* pelo *outro*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homogeneidade africana, com suas inúmeras etnias, regiões, credos e literaturas é apresentada na diversidade ideológica e memorialista de seus autores. Focando-se nas literaturas africanas de língua portuguesa, com Viriato da Cruz e Jorge Barbosa, observamos que o diferente processo de colonização e, conseqüentemente, de descolonização resulta em seus respectivos textos uma polifonia transnacional, que varia desde uma estética literária mais crítica no caso de Cruz e seu poema “Makèzú” (1961) até uma crítica nostálgica com “Prelúdio” (1956), de Jorge Barbosa.

Conclui-se que, nos dois poemas da África portuguesa; Viriato da Cruz e seu “Makézú” de Angola que aborda os valores nacionais e a cultura angolana, metonimizado numa semente de noz de cola frente aos novos ideais imperialistas e o poema Cabo Verdiano, de Jorge Barbosa com a ausência de uma estética agressiva comum nas literaturas de África pós-independência, exemplos de textos que legitimam antiteticamente a resistência e a subserviência, respectivamente, mas que têm em comum na temática colonial a chegada do descobridor/invasor.

## REFERÊNCIAS

ADOLFO, S. P. *Noz de cola* in: *Mbanza Congo*. Disponível em <http://mbanzakongo.blogspot.com/2009/08/noz-de-cola.html> Acesso 28 nov 2010.

ASANTE, M. K., MAZAMA, A. *Encyclopedia of African religion*, Vol. 1, SAGE, 2009.

BARBOSA, J. *Prelúdio* in: *Caderno de um ilhéu*. Praia, 1956.

\_\_\_\_\_. *Infopédia* [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003 - 2010. Disponível em: [www.infopedia.pt/\\$jorge-barbosa](http://www.infopedia.pt/$jorge-barbosa) Acesso em 09 nov 2010.

BRYDON, D. ;TIFFIN, H. *Decolonising Fictions*. Toronto: Dangaroo, 2001.

CANÊDO, Leticia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. 8 ed., São Paulo: Atual, 1992.

CHATELAIN, H. *Folk-Tales of Angola: Fifty Tales, with Ki-Mbundu Text Literal English Translation Introduction, and Notes*. University Press of Pacific, 2001.

CHAIN, I. *O diabo nos porões da caravela*. Juiz de Fora: UFJF; Campinas: Fontes Ed., 2003.

GIUCCI, G. *Viajantes do Maravilhoso*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

CRUZ, V. da. *Poemas*, Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961.

FANON, F. *Os condenados da Terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Editora da UFJF, 2002.

FERNANDES, Valentim. "Descrição das Ilhas do Atlântico" (1507). Códice da Biblioteca de Munique. In: *Arquivo dos Açores*, vol I. Ponta Delgada (Açores): 1878.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio* 7 ed: Curitiba: Positivo, 2008.

GOMES, S.C. *A poesia de Cabo verde: um trajeto identitário*. Disponível em: [www.simonecaputogomes.com/textos/a%20poesia%20de%20cabo%20verdeL.pdf](http://www.simonecaputogomes.com/textos/a%20poesia%20de%20cabo%20verdeL.pdf) Acesso em 20 nov 2010.

MARIANO, G. *Cultura caboverdeana: Ensaio*. Lisboa: Vega, 1991.

NEVES, L. J. de O. *Desconstrução da colonialidade: Iniciativas indígenas na Amazônia* in: *e-cadernos*: número 2 , Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. 2009.

PARADISO, S. R. *A linguagem (pós) colonial, em The Sacrificial Egg, de Chinua Achebe (1962)*. Uniletras, Ponta Grossa, v. 31, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 2009.

RIBEIRO, F. *Makèzú*. (16 maio de 2006) in: *A Matéria do Tempo*. Disponível em <http://amateriadotempo.blogspot.com/2006/05/makz.html> Acesso em 28 nov 2010.

SANTILLI, M. A. *Africanidade: contornos literários*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, E.P. dos. *Pós-colonialismo e pós-colonialidade*. In: FIGUEREDO, E. (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p.341-342.

Data de recebimento: 16/06/2014

Data de aprovação: 24/11/2014